

O mundo é plano ou é injusto?

Por Eduardo Graça

Valor Econômico, São Paulo, 17, 18 e 19 de novembro de 2006

À direita, o Prêmio Nobel Joseph Stiglitz, 63 anos, professor da Universidade Columbia, grande astro do mundo acadêmico internacional. À esquerda, o duas vezes Prêmio Pulitzer Thomas Friedman, 53 anos, que escreve em "The New York Times" aquela que é considerada a mais influente coluna de opinião do jornalismo americano. Foi assim, instalando seus convidados nos lados opostos ao que tradicionalmente se perfilam no cenário político dos EUA, que a Faculdade de Economia da Universidade de Nova York (NYU) reuniu Stiglitz e Friedman.

Os dois apresentaram suas visões díspares da globalização e do papel que os EUA devem exercer nos próximos anos - agora divididos entre um Legislativo majoritariamente democrata e um Executivo republicano. Stiglitz e Friedman também são astros do mercado editorial, com "Discourse: Making Globalization Work", do economista, e "O Mundo É Plano - Uma Breve História do Século XXI", do jornalista. São dois best-sellers que apresentam cenários quase opostos do mundo contemporâneo.

Para Stiglitz, há claros vencedores e perdedores no mundo globalizado. E a maioria dos que perderam estão no andar inferior da pirâmide social. "Até pouco tempo, dizia-se que quem tinha problemas com a globalização, como os manifestantes de Seattle, durante reunião da Organização Mundial do Comércio, em 1999, deveria ir ao médico. Afinal de contas, questionava-se: do que eles reclamavam?", indaga o professor. Ele mesmo emenda uma resposta: "Meus caros, acreditem, o problema de nossos tempos é menos psiquiátrico e mais econômico".

Friedman diz que a globalização é um novo sistema sócio-econômico que ultrapassa a economia e valoriza ainda mais a iniciativa individual, sobretudo a inovadora. É a tradução para o que o jornalista batiza de era vitoriosa dos indivíduos. "Há a globalização dos países, a globalização das corporações, e de como encaram os novos mercados. Mas há a globalização do indivíduo, a mais significativa de todas, que tende a ser a força preponderante nos próximos anos."

Stiglitz encara os jovens estudantes da NYU com olhar sério e diz que não tem a menor dúvida de que a globalização, da maneira como se dá hoje, não beneficia o homem comum. A globalização seria ineficiente. "É preciso ajustá-la radicalmente, para que suas possíveis vantagens alcancem de fato a grande maioria dos habitantes do planeta. Os nós da globalização estão aí, para quem quiser ver - o aumento das disparidades sociais e da concentração da riqueza nas mãos dos que detêm mais poder econômico."

A globalização, como a vê Friedman, surgiu do desenvolvimento de mecanismos que permitem a interação das pessoas pela internet, por cima de barreiras geográficas. É esse o instrumento principal que faz com que o processo de globalização, diz Friedman, não tenha mais volta. E seus próximos passos serão determinados pela força dos indivíduos e seu potencial criativo.

Friedman gosta de dizer que, se há um marco inaugural da globalização, não deveria ser o dia 9 de novembro de 1989, quando ocorreu a queda do Muro de Berlim, mas 9 de agosto de 1995. Foi nessa data que o Netscape introduziu um "browser" que permitiu, pela primeira vez, a comunicação entre computadores de todo o mundo. Foi ali que a internet se estabeleceu no mundo real. "Esse evento impulsionou o chamado boom virtual, que resultou em um

investimento muito real de mais de US\$ 1 trilhão no desenvolvimento e implantação de fibras óticas em todo o planeta em um tempo recorde de cinco anos", pondera.

No ano 2000, lembra Thomas Friedman, quase todos os países, companhias e boa parte da população do planeta estavam se comunicando de modo inédito. "Tenho de concordar com Joseph Stiglitz. Para esse mesmo indivíduo, hoje muito mais poderoso, de fato se beneficiar da globalização, é preciso investir fortemente em infra-estrutura, em educação e no desenvolvimento de novos modos de prover acesso do cidadão ao apoio do Estado."

Mas quase que na contramão de Stiglitz, o interesse de Friedman está nos "incluídos". Foram eles que comandaram a revolução do software, que decidiram que a globalização é, também, a "era em que se pode tudo". O mundo das possibilidades, segundo ele, é aquele em que uma indústria familiar de cerâmica no Peru ganha o mercado internacional com seus temas indígenas ao produzi-los na China, com mão-de-obra mais barata. Ou o do pesquisador brasileiro que investe no potencial do etanol em um momento que se busca, nos quatro cantos do globo, um substituto para o petróleo.

"Desde que escrevi 'O Mundo é Plano'", comenta Friedman, "aprendi que não há pecado maior, para a academia, do que ser otimista. Li certas resenhas preguiçosas do livro, que me criticavam por não expor mais abertamente as mazelas da Índia. Acho que eles queriam que eu lhes agradecesse por me dizerem que há, sim, miséria na Ásia. Ora, o que me interessa são as mudanças. São os indianos que estão fazendo com que seu país, por meio da globalização, fique menos pobre. A esquerda ainda acredita em um mundo em que os pobres odeiam os ricos. Isso não é verdade. Os excluídos odeiam não ter as mesmas oportunidades dos ricos, e isso é algo muito diferente da velha luta de classes."

Cabeça baixa, olhos fixos em suas anotações, Stiglitz contrasta com a atitude mais gregária de Friedman, grande bigode, gestos amplos, feliz em dividir suas parábolas instrutivas e personagens inusitados com o público. Às fábulas felizes da globalização narradas pelo jornalista, Stiglitz contrapõe uma seleção implacável de números.

É ele quem argumenta: "Você pode me dizer que a China e a Índia melhoraram muito desde os anos 1980. Mas veja o caso do Nafta (Tratado Norte-Americano de Livre Comércio), vendido como a maior maravilha do século. Desde sua implantação, o México vem se tornando, em uma velocidade maior do que antes, um país mais pobre do que os EUA, e não o contrário. A globalização se baseia em um fluxo de trocas perverso, em que o capital continua vindo dos países mais pobres, enriquecendo ainda mais a elite do planeta, que gera seqüelas políticas muito importantes".

Seguindo essa lógica puramente econômica, sugere Stiglitz, é possível analisar uma das causas da decadência da credibilidade dos EUA no mundo globalizado. Para sobreviver, ele diz, o governo de George W. Bush, enfraquecido por causa da derrota de seu partido republicano nas eleições da semana passada, toma dinheiro emprestado em escala gigantesca, algo como US\$ 3 bilhões por dia, em uma reprodução irônica dos modelos que "tanto condenamos para os países mais pobres".

Desde a explosão da globalização, os EUA, de acordo com o professor de Columbia, perderam inúmeras oportunidades de consolidar sua liderança. "Cito aqui a trágica administração do FMI na transição do comunismo para a economia de mercado na Rússia, que apenas aumentou a pobreza em grande escala e diminuiu drasticamente o poder de compra da população, e a

intervenção no Iraque, que beneficiou exclusivamente as grandes corporações do petróleo e empresas que lucram com a reconstrução de países destruídos, como a Halliburton" - sempre lembrada, por ter sido dirigida pelo vice-presidente dos EUA, Dick Cheney.

No terceiro andar da escola de economia, localizada na Washington Square, no coração do Village, cenário das músicas de protesto de Seeger e Dylan, rapazes e moças não piscam. Em um átimo, Stiglitz deixa de ser o mito para se transformar em guru de uma geração cada vez mais interessada em estudar políticas econômicas voltadas para o combate à pobreza no mundo. Stiglitz não é Bono, mas divide com o líder da banda de rock irlandesa U2 a convicção de que um novo estágio da globalização deve passar necessariamente pelo combate, em escala planetária, às desigualdades sociais. Ou não será diferente de outros vários movimentos históricos que não deixaram consequências relevantes para a humanidade.

"Há 15 ou 20 anos, todos pensávamos que a globalização seria um processo inédito, que beneficiaria a sociedade como um todo. O que observamos é uma predominância da globalização econômica sobre sua faceta política", afirma Stiglitz.

Em sua opinião, não é possível achar que tudo vai bem quando se observa que 25 mil fazendeiros americanos - irados com a possibilidade de perderem subsídios governamentais e serem obrigados a disputar mercados - têm o poder de paralisar as rodadas internacionais de comércio, lembra Stiglitz, citando o fracasso da rodada de negociações da OMC iniciada em Doha.

Stiglitz esteve presente em momentos importantes do atual ciclo de globalização. Foi economista-chefe do Banco Mundial e uma das vozes mais ativas do Council of Economic Advisors no governo Bill Clinton, quando bateu de frente com o então secretário do Tesouro, Lawrence Summers, ao dizer que não via nem em Washington, nem em Wall Street, o necessário empenho para incentivar a implantação de um "novo mundo do livre comércio para todos", mas, sim, a preferência por "conseguir a melhor barganha para a economia americana".

Hoje, enquanto aguarda um telefonema da amiga Hillary Clinton, para ajudar na elaboração de mais um programa de governo do Partido Democrata, no momento fortalecido pelas crises enfrentadas pelo governo Bush, não deixa de atentar para o "momento de contenção conservadora, antiglobalizante, em que vivemos".

Stiglitz concorda que a transformação da economia global, louvada por Friedman, é inegável. Barreiras comerciais vieram abaixo, a internet é um caminho sem volta e o desenvolvimento de novas tecnologias em um mundo menos fechado levou os países mais ricos a olharem com alguma atenção para países como China, Índia, Rússia e Brasil, que teriam condições mais favoráveis para se beneficiar da globalização, transformando-se em novas potências. Mas não consegue se calar frente às "contradições perversas" da nova ordem global - que se mostram, por exemplo, no fato de a indústria farmacêutica gastar em campanhas publicitárias nos países desenvolvidos mais que o dobro do investimento direto que faz em países pobres.

"Não tenho a menor dúvida de que mudanças virão. A questão é saber de que modo. Com uma série de revoltas? Com o aumento ainda mais drástico das migrações?" O próprio Stiglitz responde. Diz que parte das sociedades européia e americana acredita que o crescimento dos países emergentes, com a globalização tal como ela é, se dá às expensas de uma inevitável decadência econômica dos países desenvolvidos. O que se vê é um aumento da força dos setores mais protecionistas, que percebem algo importante - um mundo mais igualitário significaria,

inevitavelmente, uma diminuição da concentração de riqueza nos países mais ricos. Ao mesmo tempo, já não daria mais para vender a idéia de que os problemas da globalização vão se resolver sozinhos e de que os críticos precisam de um bom psiquiatra.

"Acabou a versão Poliana da globalização. Há ganhadores e perdedores nesse modelo econômico. E está cada vez mais claro ver quem está perdendo. A hora é de tentar encontrar mecanismos para fazer com que esta nova ordem, de fato, funcione", afirma Stiglitz.

Friedman contra-ataca. Lembra que a globalização modificou a maneira pela qual as potências competem pela hegemonia planetária. Agora, é pelo conhecimento, pela inovação. Stiglitz concorda, e diz que não é por acaso que estudantes secundários saem às ruas, no Chile, exigindo melhoria de qualidade das universidades, e a China anuncia sua "economia de inovação", com a qual espera aumentar de modo acelerado sua capacidade de produzir inovação tecnológica, ao mesmo tempo em que procura desenvolver o conceito de universidade global, não mais apenas nacional, em que a busca da solução dos problemas sociais tem grande peso.

Friedman não acredita no combate direto à pobreza como próximo passo natural da globalização. Ele não vê segredo algum para os países em desenvolvimento aproveitarem mais as vantagens da globalização. Bastaria seguir a cartilha do Banco Mundial e investir mais em infraestrutura, educação e tecnologia, reduzindo igualmente a burocracia para a criação de novas empresas, geradoras de emprego. "Sou acima de tudo um crente. Depois que escrevi o livro, acredito ainda mais no modelo americano e na economia de mercado. O século XXI será da China, como o XIX foi da Inglaterra. É como minha mãe, uma senhora simples, costumava dizer à beira da lareira de sua casinha nos confins de Minnesotta: 'Um país que censura o Google não pode liderar o planeta'."

Na saída do auditório, enquanto Stiglitz e Friedman se abraçavam cordialmente, centenas de estudantes conversavam sobre as visões díspares do mundo em que vivem. O debate parece estar apenas começando.